

SHOBOGENZO

# Gyoji 2

---

Continuação dos comentários ao capítulo

**MESTRE TOKUDA**

---

seshin **PARIS** abril 2002

## TEISHÔ nº1

---

Desde o último sesshin que foi feito em março último em Paris, começamos a falar do capítulo “Gyoji” (primeira parte) do Shobogenzo. Hoje vou abordar a segunda parte deste capítulo.

No “Gyoji” (“Prática incessante”), o mais longo de todos os capítulos do Shobogenzo, Mestre Dogen cita trinta e quatro história dos patriarcas, todas as linhagens confundidas e sem ordem cronológica. Vamos ler e traduzir a última parte deste texto.

Leitura de “Gyoji 2” (volume 2, capítulo 30, p. 182)

(271) Consideremos calmamente: uma vida não é tanto tempo, (e contudo) se formas capazes de falar as palavras de um patriarca Budista – mesmo se três e três (palavras) ou duas e duas – teremos expresso o estado da verdade dos patriarcas Budistas eles mesmos. Por que? (Porque) os patriarcas Budistas são a unidade de corpo e mente e então a uma palavra ou as duas palavras será totalmente o quente corpo e mente de um patriarca Budista. Aquele corpo e mente vem a nós e expressa como a verdade nosso próprio corpo e mente. Justo no momento de falar, o estado de expressar a verdade vem e expressa nosso próprio corpo e mente. *Pode ser que com esta vida possamos expressar o corpo que é o acúmulo de vidas passadas*<sup>1</sup>. Portanto, quando nos tornamos buda ou nos tornamos um patriarca, vamos além de ser buda e vamos além de ser um patriarca<sup>2</sup>. Palavras faladas por conduta e observância, (mesmo que somente) três e três ou duas e duas, são assim. Não busquem sons vazios e formas de ganho e lucro. Não os buscar pode ser conduta e observância, transmitida de um para um pelos patriarcas Budistas. Eu recomendo para vocês, quer sejam grandes eremitas ou pequenos eremitas<sup>3</sup>, uma pessoa ou meia pessoa, joguem fora as dez mil coisas e os miríades de envoltimentos e mantenham a prática da conduta e observância no estado dos patriarcas Budistas.

É importante ler este capítulo completamente afim de conhecer a vida de todos os mestres citados neste texto.

Já evocamos os quatro aspectos de *dokan* (“o anel do caminho”) que são: o despertar do espírito, a prática, a iluminação, o nirvana. No Gakudo Yojinshu – um pequeno livro escrito por Mestre Dogen – um capítulo está dedicado à importância de despertar o espírito corretamente. Contudo, eu chamo a atenção. Dizer: “Eu suscito em mim o espírito do despertar” ou “Eu obtenho o *sator*”, não é senão a manifestação do seu ego; segundo Mestre

---

<sup>1</sup> Mestre Ryuge Koton, citado no fim do cap. 9, *Keisei-sanshiki*, disse: “Com esta vida podemos liberar o corpo que é o acúmulo de vidas passadas”. Mestre Dogen substituiu (DOSHU – em caracteres diferentes), “expressar” por (DOSHU), “liberar”.

<sup>2</sup> Em outras palavras, quando nos tornamos buda nada expressamos a não ser nós mesmos.

<sup>3</sup> Alude ao dito Chinês citado nas notas do para. (155): “Pequenos eremitas se escondem nas montanhas e bosques, / Grandes eremitas se escondem em palácios e cidades”.

Dogen, “despertar o espírito corretamente” é sempre conjuntamente com todos os seres; estar junto com todos os seres é a prática de todos os budas e patriarcas e não sua prática pessoal. O que é mais, suscitar o espírito de despertar (*bodhicitta*) é já a iluminação. Se o fato de obter uma grande iluminação faz crescer o seu ego, isto não é o estado dos budas e patriarcas budistas, é, ao contrário, recair em seguida neste estado somente humano. É por isto que Mestre Dogen chama a atenção sobre de ultrapassar, ir além dos budas, além dos patriarcas.

Hoje eu gostaria de dar minha própria interpretação desta passagem: as palavras podem ser mesma uma só palavra, dos budas e patriarcas.

(Retomada da palestra “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 182)

(271) (...) se somos capazes de pronunciar palavras de um patriarca budista – mesmo se são três e três palavras ou duas e duas – então teremos expresso o estado das verdades dos patriarcas budistas eles mesmos.

Depois da iluminação, um patriarca budista se exprime com palavras particulares afim de exprimir diretamente este estado de *talidade* (*tatathā*) e estas palavras viram um *koan*. Um koan pode ser chamado linguagem original, “original” no sentido de não separada, não-discriminação. Porque a linguagem corrente não é suficiente para expressar a verdade, o budismo zen emprega expressões particulares, chamadas na escola Rinzaï *muri ena* “palavras que não podem ser apreendidas pelo intelecto”. Dizemos que a transmissão toma lugar além dos *sutras* e dos *sastra*, mas Dogen Zenji não concorda com isto, muito pelo contrário, ele dá uma grande importância às palavras, ao ele chama de *dotoku*, a capacidade de se expressar. Partindo do princípio que existe a impossibilidade de exprimir através da linguagem este experiência religiosa fundamental (às vezes chamada “experiência mística), é melhor se calar – o que nos coloca ao abrigo de erros – mas, estando mudos, não podemos transmitir o que seja a outros. Nossa associação se chama “*Maha Muni*” que traduzimos habitualmente “Grande silêncio”. O que é *maha muni*? *Maha muni*, “Grande silêncio” não quer dizer somente manter os lábios cerrados, mas também falar livremente; esta é a grande sabedoria, é *dotoku* ou a capacidade de expressar diretamente este estado de *tatbata*, com a condição de ter tido experiência disto anteriormente. Neste extrato de “Gyoji” que acabamos de ler, Dogen Zenji não fala de coisas abstratas, ele fala de calor, do calor vivo de corpo e espírito dos patriarcas.

Eu já contei aquela história do Buda que, quando passeava na floresta com Ananda pegou algumas folhas de árvore em sua mão e disse: “Quais são as mais numerosas? As folhas da floresta ou aquelas que estão em minha mão?” “Claro, as folhas que estão na floresta são mais numerosas”. “O que eu ensinei até agora são como folhas na mão, mas os dharmas são tão numerosos quanto as folhas desta floresta”. Uma outra vez, quando o Buda, voltando de uma longa viagem, foi acolhido por seus discípulos nas portas da cidade, ele lhes disse, “Não são vocês que me acolhem, mas são aqueles que praticam o *zazen* na floresta ou no mosteiro”.

O que vocês acham que fez com que Siddharta tivesse se tornado o Buda Gautama? Se vocês compreenderem isto, compreenderão porque, no grande veículo, apareceram outros budas tais como o Buda Amitabha ou o Buda da medicina. As palavras dos budas e dos patriarcas são a palavra original do Buda, é o *dharmakaya* que espera ser pronunciado.

Por ocasião de um outro sesshin eu disse: Deus criou este mundo, mas o fato mesmo de criar o mundo deu a possibilidade de o destruir. Entretanto, anteriormente à criação, ele teve um projeto – não necessariamente um projeto parecido com aquele de um arquiteto – mas um projeto que existia talvez na memória, e este projeto não foi jamais destruído, o que quer dizer que a cada instante, se necessário, pode ser reativado. Para mim, este “projeto” é como as palavras ou as expressões dos patriarcas budistas. Se bem que os mestres antigos tenham expresso muitas coisas que se tornaram *koans*, para nós, praticantes do zen, não se trata de repetir as palavras dos velhos budas e dos patriarcas, mas de expressar nossas próprias palavras dos budas e patriarcas; a cada *sesshin*, quando estudamos o Shobogenzo, não se trata de estudar isto como se fosse um material antigo, mas de o estudar através deste *Dharma* presente dos budas e patriarcas, e de ser capaz, a partir do que nos foi transmitido, de transmitir por nossa vez às gerações vindouras.

*Leitura de “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 182)*

(217) (...) Este corpo e espírito vem a nós e se expressa enquanto verdade de nosso próprio corpo e espírito. No momento mesmo da expressão, o estado de expressar a verdade vem e expressa nosso próprio corpo e espírito. *Pode ser que com esta vida possamos expressar o corpo que é o acúmulo de vidas passadas.*

Mestre Dogen diz: “Este corpo e espírito vem a nós e se expressa enquanto verdade de nosso próprio corpo e espírito. No momento mesmo da expressão, o estado de expressar a verdade vem e expressa nosso próprio corpo e espírito”. Neste “isto vem”, “isto” é o *dharmakaya* (corpo cósmico) que se expressa através de meu próprio corpo e meu próprio espírito. Isto não é: ir à procura, isto é: isto vem. Se o ego é o motor de sua prática, “isto” não virá; se ao contrário você rejeita este ego, então “isto” aparecerá.

Para mim, estas palavras dos budas e dos patriarcas têm dois sentidos: 1) as palavras dos budas e dos patriarcas são tanto *koans* quanto sutras que foram escritos e que nós estudamos. Como vocês sabem, o sistema de *koan* é a base do ensinamento da escola Rinzaï; 2) estas palavras são as palavras dos budas e dos patriarcas dos tempos antigos. De um lado são sem interesse, de um outro lado, transmitem este *dharmakaya* que se exprime através do meu corpo de meu espírito; não são minhas palavras, são as palavras dos budas e patriarcas. Mas atenção, não se trata de palavras, estas palavras devem ser aquilo que nós exprimimos com o corpo. Mestre Joshu disse: “*Se você passar sua vida inteira sem deixar o mosteiro, sentado e imóvel, sem falar durante dez ou cinco anos, ninguém pode dizer que você seja mudo. Depois disto, você pode ir além dos budas e patriarcas.*”. A expressão “*Pode ser que seja esta vida que possa expressar o corpo que é o acúmulo de vidas passadas*” empregado por Mestre Dogen no “Gyoji”, vem de Mestre Ryuge e quer dizer: salvar esta vida de reencarnações acumuladas, salvar esta vida do *samsara*.

Muitas pessoas querem saber sobre a reencarnação, eles gostariam de saber se existe uma vida depois da morte. Para nós, budistas, a reencarnação é um assunto sem qualquer interesse que seja. *Samsara* quer dizer, nascer, viver e morrer numerosas vezes neste mundo de ilusões, este mundo no qual somos presentemente. O importante para nós é chegar a compreender o “não-nascido”. Esta manhã, fizemos uma cerimônia para Hélène (Hélène Henry, que faleceu). No fim desta cerimônia dizemos: *kogo no mumyo* que quer dizer: numerosos *kalpas* passados na ilusão desaparecem de uma só feita e a sabedoria maravilhosa da vacuidade autêntica se manifesta. Se compreendemos profundamente este não-nascido, realiza-

mos o despertar. Se compreendemos este não-nascido, podemos ir e vir livremente neste mundo, podemos aparecer quando é necessário, é uma vida completamente diferente. Do ponto de vista do *samsara*, a vida e a morte são duas direções opostas; é *katto*, o antagonismo, o dilema. No próximo sesshin em Eitaiji, eu falarei da complexidade. Por favor, venham a Eitaiji, senão será necessário esperar pelo ano que vem para receber “La lettre de Maha Muni” e aproveitar este ensinamento.

*(Retomada) da leitura de “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 182)*

(271) (...) Assim, quando nos tornamos um buda e quando nos tornamos um patriarca, ultrapassamos o fato de nos tornar de nos tornar um buda e nos tornar um patriarca. As palavras que são expressas pela conduta e observância, mesmo que não se trate de duas ou três palavras, são assim.

No momento em que realmente você se torna buda ou patriarca, você supera o estado de buda ou patriarca. Se você procura a pegar com o ego, se você pensa em termos de “minha iluminação”, “minha prática”, nunca poderá ultrapassar os budas e patriarcas. “Ir além dos budas e patriarcas” quer dizer viver sua própria vida enquanto buda e enquanto patriarca. É ainda um dilema porque, de um lado, é preciso repetir, copiar a prática dos budas e patriarcas, de um outro lado é preciso que criemos algo de completamente novo enquanto budas e patriarcas.

Eu gostaria que vocês se lembrassem de Mestre Deshimaru e da energia que ele empregou para desenvolver o zen na Europa. Quando ele quis criar algo que fosse diferente do Japão, o Japão o criticou, mas agora, ele não mais o podem ignorar, são obrigados a reconhecê-lo. Desde sempre, na história do budismo, quando os mestres criavam algo de novo, sempre eram constantemente criticados, não somente a partir do interior, mas também por todas as escolas solidamente implantadas. Para transmitir o ensinamento dos budas e patriarcas, não é essencial depender do mestre ou do fundador de sua escola – mesmo no caso de Dogen Zenji – mas de manifestar seu rosto original, um rosto particular, único.

Todos estes grandes mestres, Nangaku, Hyakujo, Obaku, Rinzai ..., não são jamais idênticos, cada um deles é único. A prática constante é a prática dos budas e dos patriarcas sempre sendo sua própria prática. Se você tomar a decisão de praticar toda sua vida, de maneira constante, vocês serão budas e patriarcas. E estas palavras, estas expressões dos budas e patriarcas antigos, serão as suas e se tornarão os koans do futuro. Ultrapassar os budas e os patriarcas, é entrar num estado onde o passado, presente e futuro se reúnem, onde todos os budas do passado do futuro te dão a mão. Por favor, não achem que exista uma grande diferença entre os budas e patriarcas, os grandes mestres e vocês mesmos. Vocês serão aquilo.

Na última parte do capítulo “Gyoji”, Dogen Zenji chama a atenção sobre o feito que não devemos procurar a glória, ou benefícios pessoais.

*Pergunta: Existe a expressão: “Corpo e mente jogados fora”. Hoje em dia se diz: se o espírito é abandonado, automaticamente o corpo está abandonado. Mas será possível que o espírito esteja abandonado sem que o corpo esteja abandonado? Quando o espírito está abandonado, o corpo também, fica automaticamente abandonado?”*

*Resposta: No capítulo “Shinjin-gakudo” do Shobogenzo, Dogen Zenji explica que o corpo compreende as funções do espírito. Hoje em dia os médicos consideram que a morte não é a cessação do coração e do sopro, mas a morte do cérebro. Se gostaria de saber se, quando o corpo morre, o espírito (ou alma) continuam. Para os budistas, o corpo e a alma são somente uma só coisa, ou seja shinjin (“corpo e espírito”). “Abandonar corpo e espírito” não é abandonar no sentido de “eu abandono”, porque não é você que abandona. Você bem que gostaria de retê-lo, mas não pode, porque “isto” cai fora. Você não o pode o reter porque de fato não existe nada. Então, a resposta à tua pergunta é sim e não. Se o espírito está abandonado, o corpo também está; neste caso, a resposta é: sim, corpo e espírito são abandonados. Mas aqui existe um dilema: estamos vivos, temos um corpo e este corpo é difícil de rejeitar. A última parte do texto “Gyoji” diz: “Pratique a prática dos budas e patriarcas com seu corpo”, mas para isto, é necessário deixar sua família, seu trabalho, ou seja muitos dos aspectos deste mundo. O corpo é o apego, o amor pela família é o espírito, mas aqui o corpo e espírito dos budas e patriarcas é quente. Este calor não tem nada a ver com nosso amor ou ilusões, não é isto que cremos. É um dilema (um koan) sobre o qual você pode trabalhar.*

*Pergunta: Nada compreendo do “não-nascido”.*

*Resposta: Este “não-nascido” vem da escola Zen de Bankei Zenji chamada Fusbo zen, “O zen do não-nascido”. Se você compreende o “não-nascido” tudo está resolvido; se, quando você tem problemas inumeráveis, você compreende este não-nascido, então estes problemas não são mais problemas. Para mim, se trata da questão de “divisão” ou “discriminação”. Se você entra naquele estado de não-discriminação, aquele estado anterior à manifestação, à aparição das coisas, isto é o “não-nascido”. Estudamos o capítulo “Sokushinzebutsu” do Shobogenzo, e particularmente a imagem do navegador e do barco: eu entro num barco que navega e este barco se torna minha vida mesma. Em geral todo mundo pensa “minha vida”, “Eu vivo”, sem realmente conhecer o que é este “eu”. O que é este “eu”? O que é “minha vida”? Você tem o controle de sua vida? Não. Ninguém há que a controle. Então você não a pode controlar. Esta vida está “com” você. Comemos, dormimos, mas na realidade não é nossa vida. Começar a compreender isto, é a chave para acessar à compreensão do “não-nascido”. Você pode consultar os capítulos do Shobogenzo: “Sokushinzebutsu” ou “Shoji”.*

*Pergunta: Quanto ao assunto do “não-nascido”: Isto seria a mesma coisa que quando se está no zazen, as idéias não se grudam na pessoa, se bem que haja mesmo assim algo que está lá, que observa e que não se possa definir, que não se possa tocar? Algo que posso comparar à superfície da água que, quando tocada com seus dedos, forma círculos. É assim?*

*Resposta: Isto é interessante. Com efeito, durante o zazen a primeira experiência é o dharmakaya, a saber: este corpo desaparece. Mas o que quer dizer “este corpo desaparece” já que este corpo não tem existência? Por que este universo se torna “não-nascido”? Porque ele não morre. Deus criou este universo, mas antes da criação deste universo, o que havia? Nada. O que é este “nada”? Quando você começar a compreender este “nada”, então a partir deste “nada”, tudo pode ser criado livremente e sem limites: é “mu”, esta sensação durante o zazen quando seu corpo desaparece, você se torna “nada”. Passado algum tempo, começamos a compreender um pouco este não-nascido. Na escola Shingon, falamos de Aji fusbo: Aji é a letra A (A como em “Alfa”), é o primeiro som, aquele que ainda não foi pronunciado.*

## TEISHÔ nº2

---

Espero que o ensinamento desta manhã não tenha sido complicado demais, porque isto vai ficar ainda mais complicado.

Nesta manhã falamos da citação de Mestre Dogen (Capítulo “Gyoji”, parágrafo (271)): “(...) se somos capazes de pronunciar as palavras de um patriarca budista – mesmo que sejam três e três (palavras) ou duas e duas, então teremos expresso o estado das verdades dos patriarcas budistas eles mesmos”. E durante o decurso do sesshin anterior, estudamos a primeira parte do capítulo “Gyoji” onde Mestre Dogen diz que a prática dos budas e patriarcas se realiza em nossa prática, nossa prática realiza a prática dos budas e patriarcas. Mestre Dogen acrescenta que esta prática que observância é verdadeiramente a palavra dos budas; se existe tal prática, então existe tal palavra. Sem querer criticar, podemos perguntar se nos dias de hoje os praticantes, os mestres, ou aqueles que receberam o *shiho*, têm suas próprias palavras. A essência da escola Zen, que é a transmissão de Mestre a discípulo, como a transmissão do Buda aos patriarcas, está muito além da iluminação. Quem tem esta experiência tem o que Dogen Zenji chama “as palavras dos budas e patriarcas”.

Agora vamos tomar o capítulo do Shobogenzo “Dotoku”, que Mestre Dogen escreveu seis meses depois de ter terminado a redação de “Gyoji”.

Leitura de “Dotoku” (volume 2, capítulo 39, p. 269)

(Introdução)

*Dó quer dizer “falar” e toku quer dizer “ser capaz”, então do-toku quer dizer literalmente “ser capaz de dizer alguma coisa”. Mas com o tempo o significado de do-toku se alterou para querer dizer “expressar a verdade” ou “expressão da verdade”. Neste capítulo, Mestre Dogen explica o significado de dó-toku, ou exprimir a verdade, a partir deste ponto.*

(193) Os budas e patriarcas são a expressão da verdade. Então, quando os patriarcas budistas decidem quem é um patriarca budista, eles sempre perguntam: “Você pode expressar a verdade, sim ou não?” Eles colocam esta questão com o espírito, eles colocam esta questão com o corpo, eles colocam esta questão com um bastão ou com um espanador de moscas e eles colocam esta questão com as colunas que estão do lado de fora, ou com lanternas de pedra.

Se bem que Dogen Zenji dê uma grande importância à expressão da verdade, na filiação dos patriarcas budistas, existe uma outra coisa que somente palavras, não se trata unicamente de palavras ou linguagem. Isto é muito importante para nós que praticamos *maha muni* (o grande silêncio). Num outro capítulo do Shobogenzo, Dogen Zenji faz referência à sua experiência de expressar a palavra verdadeira sem palavras, ele explica como se expressar sem se expressar, porque a expressão da verdade não é uma questão de palavras, mas capacidade de transmitir a experiência com as palavras dos budas e patriarcas, e com o corpo e o espírito.

Agora vamos ler um extrato do capítulo “Gyoji-1”, onde um mestre diz que a prática não está além do pensamento e o pensamento não está além da prática.

Leitura de “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 141-142)

(150) Mestre Goso Hô-en pregou um dia à assembléia: É preciso que demos importância a estas palavras, as consideremos dia e noite, e as colo-

quemos em prática de manhã e à noite. Não devemos ser como se pudéssemos ser levados pelo vento daqui para ali, do oeste ao leste ao sul e para o norte. Certamente menos ainda neste país do Japão – onde mesmo os palácios dos reis e dos ministros não são construções opulentas mas casas simples e pequenas – será que aqueles que deixaram suas famílias para aprender a verdade repousam opulentamente em construções luxuosas?

Quando Dogen Zenji diz que *A ação não está no mesmo nível além do pensamento e o pensamento não está num nível além da ação*, ele quer dizer com isto: Aquilo que você diz, você o pratica, aquilo que você pratica, você pode expressar. Mas, um pouco mais longe no “Gyoji” (p. 144, parágrafo (158)) onde ele cita: “O Mestre Zen Daiji Kanchu diz: “*Explicar um metro é bem menos que praticar dez centímetros, e explicar dez centímetros, é inferior ao fato de praticar um centímetro*”, ele dá mais importância à prática do que às palavras. Quando falamos muito – quer se trate de monges, monjas, ou de si mesmo – é uma catástrofe. Na *sangha* Maha Muni, “Grande Silêncio”, falamos, falamos, falamos, sem nada dizer.

*Leitura de “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 145)*

(159) O grande Mestre Gohon da montanha Tozan diz: “Eu explico o que eu sou incapaz de praticar e eu pratico o que sou incapaz de explicar”. Esta é a declaração do Patriarca fundador. O interesse é que minha prática ilumine um caminho através da explicação, e que existam caminhos pelos quais a explicação leve à prática. Isto sendo assim, o que nós pregamos num dia é o que praticamos num dia. O ponto é que pratiquemos o que é impossível de praticar e que nós preguemos o que é impossível de pregar.

Estou começando a ficar velho e ainda tenho tantas coisas a fazer! Tenho que redigir um livro sobre *maha muni* “o grande silêncio”, “grande silêncio” não somente no budismo, mas também em outras religiões. Na expressão “a palavra é de prata e o silêncio de ouro”, trata-se sempre da relação entre a prática e a palavra. Qual das duas é a mais importante? Às vezes é a prática, às vezes a palavra.

*Leitura de “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 145)*

(160) O grande Mestre Kokaku da montanha Ungo, tendo completamente assimilado este ensinamento, diz: “*No momento da explicação não existe traço da prática; no momento da prática não existe traço da explicação*”. Esta expressão da verdade diz que a prática e explicação são não-existentes: o momento da explicação é *uma vida inteira sem deixar o mosteiro*, e o momento da prática é *lavar a cabeça e se apresentar diante de Seppo*. Nunca devemos desdenhar as palavras que dizem que “*No momento da explicação não há qualquer traço da prática, e no momento da prática, não há qualquer traço da explicação*”.

Cada uma destas expressões podia ser o objeto de um *sesshin*. É digno de nota que neste capítulo “Gyoji” (“Prática Incessante”), Dogen Zenji já dá uma grande importância à palavra (ou à expressão), ou seja *dotoku*. Se observamos os mestres de hoje em dia, e se passarmos seus propósitos no crivo, e dermos uma sacudidela, constatamos que todos eles passam nos buracos da peneira e que não sobra ninguém. Isso também me preocupa.

A palavra “bodhisattva” existia já na época do Buda, mas Nagarjuna – da escola Mahayana – lhe deu um novo sentido, mais importante; o mesmo vale para a expressão *maha muni*,

utilizada bem antes da época do Buda Gautama (*muni* queria dizer “sabedoria”, “aquele que permanece silencioso”). Entre os nomes dos Budas anteriores: *Bibashibutsu Daiosho*, *Shikibutsu Daiosho*, *Bishafubutsu Daiosho*, *Kurasonbutsu Daiosho*, *Kunagonmunibutsu Daiosho...*, Kunagon é Kanaka Buda, Kanaka Muni Buda. Mas, se bem que o termo *muni* tivesse existido bem antes da época do Buda, somente o Buda Sakyamuni é nomeado Maha Muni (“Grande *Muni*”). Entretanto, se limitar a definir *maha muni* enquanto “grande silêncio” pode ser uma cilada da linguagem, como explica Ungo Doyo no extrato do capítulo “Gyoji” que acabamos de ler: “*No momento da explicação não há traços da prática; no momento da prática, não há traços da explicação*”. O treinamento desta prática, deste tipo de expressão, faz de vocês patriarcas budistas. É preciso esquecer as noções do passado ou do presente, e aceitar, criar novos aspectos. Neste sentido eu sou muito feliz: como devo ir ao Brasil por cinco meses, vamos atravessar um período crítico, se bem que esteja persuadido que vocês continuarão os *teisho*, as explicações dos textos (Stéphane e Michel já começaram nesta região). Continuem a escrever, a falar, sabendo que dois ou três anos são necessários para que as coisas comecem a mudar um pouco, e às vezes mesmo de maneira radical. Olivier nos beneficiou com suas traduções a partir dos textos em inglês, nós sempre as apreciamos muito, mas ele também deve começar a escrever algo pessoal. Não existe uma formação específica, se obriguem a falar, e o resto vem sozinho. Então, estou esperando...

Esta palavra “silêncio” é realmente interessante. Um dia eu tentarei entrar em cada um destes casos dos mestres.

Para terminar, vamos ler a parte deste capítulo “Gyoji” consagrado a Nyojo Zenji.

*Leitura de “Gyoji 2” (volume 2, capítulo 30, p. 179).*

(261) Mestre Tendo diz: “Praticar o *zazen* é jogar fora corpo e mente. Não é necessário queimar incenso ou fazer prosternações, recitar o nome dos budas, praticar a confissão, ler sutras. Quando estamos simplesmente sentados, atingimos ao mesmo tempo o começo e o fim”.

Este texto está falando do *shikantaza* que é também a primeira declaração de Mestre Dogen. Nos dias de hoje, as cerimônias tomam cada vez mais importância enquanto que o *zazen* recua. O *zazen* se tornou simbólico e este é um problema para monges Soto. Em Eitaiji, de manhã, fazemos a cerimônia de maneira correta: oferecemos incenso, recitamos os sutras, mas além disto, eu quero cuidar muito bem deste *zazen* que é a base de tudo isto. Lembrem-se, este silêncio é *zazen*, é o verdadeiro silêncio profundo.

## TEISHÔ nº3

---

Hoje, continuação do capítulo do Shobogenzo “Gyoji 2”

Leitura de “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 174-175)

(241) (...) Diante de vocês todos hoje, este monge de montanha está pregando (o ensinamento tradicional da) nossa linhagem, que é somente não se apegar a expedientes. Por que seria jamais necessário de subir (o assento da pregação formal no) Salão do Dharma ou ter entrada no quarto (do mestre); ou pegar o batedor ou levantar o espanador; ou gri-

*tar para o leste e colocar um bastão no oeste; ou franzir as sobrancelhas e fitar com olhos, como se estivesse tendo um ataque epilético. Isto não somente consterna monges veteranos; também insulta os santos do passado. Vocês não se lembram que Bodhidharma veio do oeste para o sopé da montanha Sho-shitsu-zan e encarou a parede durante nove anos? E o segundo Patriarca, se quedando na neve e cortando fora o seu braço, sofreu o que somente pode ser descrito como dureza. Ainda assim, Bodhidharma nunca disse uma só palavra e o segundo Patriarca nunca requisitou uma só frase. Contudo podemos dizer que Bodhidharma não tenha ensinado aos outros? Podemos dizer que o segundo Patriarca nunca quis achar um professor? Sempre que venho pregar sobre o comportamento dos antigos santos, sempre sinto que não há lugar algum onde me colocar a mim mesmo, tanta vergonha que tenbo de minha fraqueza como pessoa de uma era tardia. Como então poderíamos servir um ao outro oferendas de refeições exóticas e deliciosas de cem gostos? Estamos equipados com as quatro coisas<sup>4</sup> e assim devemos estabelecer a mente imediatamente: tendo dito isto, temo somente que o comportamento de nossas mãos e pés seja tão imperfeito, que nós passaremos remotamente através de vidas e passaremos remotamente através de eras. O tempo é como uma flecha, e devemos profundamente odiar desperdiçá-lo.*

*Apesar de sermos assim, é um fato que outras pessoas, se baseando em seus méritos, foram liberados. Este monge de montanha é incapaz de forçar este ensinamento em vocês, mas, meus amigos, vocês já leram o seguinte verso por uma pessoa de antigamente<sup>5</sup>?*

*Nossa refeição é milho com rabo-de-raposa, colhido dos campos das montanhas,  
Para vegetais temos pickles amarelos desbotados:  
Se você os quer comer ou não é assunto seu.  
Se você escolher não os comer, está livre para ir para o leste ou oeste.*

*Com respeito devido, amigos praticantes, possa cada um de vocês ser diligentes<sup>6</sup>. Cuidem-se bem<sup>7</sup>”.*

Estes são os ossos e medula mesmos transmitidos de um para um pelos patriarcas ancestrais. Existem muitos exemplos da conduta e observância (deste) Patriarca fundador, mas por ora vou me abster a somente esta instância. Nós alunos de uma era posterior devemos anelar por e aprender na prática, a conduta e observância que o Patriarca fundador Fuyo praticava e refinava na montanha Fuyo-zan. É exatamente o padrão de comportamento (estabelecido) no parque de Jetavana<sup>8</sup>.

Para terminar o *teisho* deste *sesshin*, escolhi esta passagem de Mestre Fuyo Dokai, autor do Gion Shogi, um manual de regras de Jetavana. Em Eihei-ji, onde tomam lugar dois sesshin por ano, aquele de Rohatsu e aquele de fevereiro (por ocasião do nirvana do Buda), durante o serviço matinal, não se canta os sutras – Hannya Shingyo, Daihi shin darani etc. – mas somente este Gion Shogi. Em fevereiro, como faz muito frio, se instala às vezes braseiros de carvão na sala de meditação, mas aquele que senta do lado do braseiro sente muito calor e dorme. Faz frio, é muito duro, mas o ar é puro. Através deste texto, sentimos o treinamento zen autêntico. Os monges, monjas, e leigos vindos do exterior podem assistir aos

<sup>4</sup> (SHIJI), ou quatro necessidades: comida, bebida, cama, remédios.

<sup>5</sup> Mestre Fukushu Gozubi. Uma versão levemente diferente do verso é citada no *Keitoku-dento-roku*, cap. 15.

<sup>6</sup> (CHINCHO), era uma saudação comum usada quando se despedindo de alguém.

<sup>7</sup> A citação original das palavras de Mestre Fuyo Dokai (gravadas no *Zokukan-kosonsbuku-goyō*), Parte 2) é um longo parágrafo no texto fonte.

<sup>8</sup> O parque foi comprado por Sudatta ao filho do Rei Prasenajit, Jeta, e doado ao Buda como um local para a prática Budista.

sesshin de Eihei-ji. Um dos meus amigos, um Roshi, sempre ia para Eihei-ji por ocasião destes sesshin. Antes, o horário de despertar era três horas da manhã, hoje é às três e meia. Quando descobri que ele se levantava às duas e meia para ir ao dojo, eu o segui, entramos num tipo de competição, era muito bom!

Com a leitura deste texto, eu realmente tenho a impressão que em Eitaiji, nós vivemos este estado apresentado aí. Claro, nossa prática é como é neste mundo de conforto, de riquezas, ao qual não se pode subtrair. Eu o repito, Eitaiji, dois anos depois de sua fundação, entra num momento crítico, particularmente no plano financeiro, porque eu não posso ficar aqui, mas é um momento de oportunidade, porque em momentos críticos, heróis aparecem: se trata de uma pessoa que não é necessariamente forte, mas que continua sempre a mesma coisa. Eu não sou tão resistente, no plano muscular, tenho dificuldades de transportar objetos pesados, e mesmo ao frio eu resisto muito pouco. Eu não busco nada de especial, aceito o que se apresenta já que não posso escapar disto.

Ler livros não é útil para a prática de zen, mas este capítulo nos diz que é necessário ler várias vezes. A época de Fuyo Dokai Zenji não está muito distanciada de Dogen Zenji que o precedeu por algumas gerações. Fuyo Dokai insistia constantemente sobre suas insuficiências, ele confessava suas fraquezas, reconhecia seus pontos fracos, o que está muito bem, e ele pedia aos praticantes para colocar toda suas forças em suas práticas.

Se bem que este capítulo “Gyoji” seja bastante comprido, leiam-no e eu pedirei a Olivier que traduza esta parte sobre Fuyo Dokai e também este *Gion shogi* que é um manual de regras autênticas de Jetavana. Este ensinamento é o mesmo que aquele dado pelo Buda no Parque de Jetavana (jap. *Gion*) oferecido a comunidade do Buda por Anathapindika que o comprou do Príncipe Jeta. Este capítulo sublinha um ponto importante a saber: não buscar pela fama, glória ou lucro. Lemos ontem que Dogen Zenji recomendava não buscar este tipo de coisas.

O imperador queria dar o *koromo* roxo – que correspondia a um título de nobreza – a Fuyo Dokai. Este *koromo* roxo é um testemunho, uma homenagem a uma pessoa que é de uma hierarquia muito elevada. Há cinco cores de *koromo* que correspondem aos cinco elementos. Os *koromo* de cores diferentes são trajados por aqueles podendo ser recebidos na corte (no Ocidente, seriam pessoas da nobreza). Em cada uma destas cinco categorias, existe uma categoria superior e uma inferior, ou seja no total dez. O imperador, que tinha muito respeito por Fuyo Dokai, queria lhe dar este título, mas Fuyo Dokai recusou. Ora, é praticamente impossível de se recusar um presente do imperador! Este último renovou sua oferta três vezes, mas a cada vez Fuyo Dokai recusava dizendo: “Eu fiz a promessa de não aceitar este tipo de coisa”. Fazer uma afronta a um imperador era punível pela pena de morte, mas em vez de lhe decapitar, o imperador o enviou ao campo, num lugar muito retirado onde nada se passava do ponto de vista cultural, onde não havia atividade alguma. Contudo, mesmo nestas condições, Fuyo Dokai permaneceu fiel a seus princípios, contrariamente àqueles que pensam que o fato de ter títulos lhes trará praticantes, que eles obterão doações, e que tudo será mais fácil. Quando voltou do exílio, Mestre Dokai recebeu o título de Mestre Josho Zenji (*jō*, “meditação”, *Shō*, “iluminação”).

Quanto a este mestre, existe uma anedota muito célebre. Trata-se da “sopa de Fuyo Dokai” (beitô): quanto mais o número de praticantes aumentava, mais ele acrescentava água à sopa. Conta-se que os nós do telhado de madeira que se refletiam na sopa faziam acreditar aos praticantes que havia ali grãos de feijão. Muito alegres, eles tentavam pegá-los com os hashis, mas isto nada mais era que os reflexos... Naturalmente, muitos iam embora. Fuyo Do-

kai havia recebido um terreno, talvez do imperador, que produzia arroz que ele dividiu em 365 rações. Quer houvessem dez, trinta, ou mil praticantes, em cada refeição, a mesma quantidade de arroz era dividida entre eles. Por outro lado, ele jamais aceitaria o convite para uma refeição ou festa dizendo: “Para nós, tal coisa é impossível”. Ele passava seu tempo repetindo: “Como somos fracos, nós desta época moderna!” Mas no contato mestre-discípulo, ele transmitia ao mesmo tempo calor e o lado humano. Não se tratava de um “superhomem”, mas de alguém que, apesar de seus problemas, dificuldades, sempre realizava este treinamento extraordinário, a saber, continuava a fazer a mesma coisa.

Este período crítico que atravessa Eitaiji é para nós um momento muito precioso, porque é o momento da prática verdadeira. Não fiquem surpresos pelo que vai acontecer, não tenham medo. Ser muito inteligente não é uma coisa boa porque a pessoa escapa para ir alhures, mas isto é um outro problema... Claro, podemos ser confrontados com dificuldades que provém do interior, a vida em comum não é fácil. Mas voltemos a esta poesia.

(Retomada) da leitura da poesia escrita por Mestre Fukushu Bozubi, cf. capítulo “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 175)

*Nossa refeição é milho com rabo-de-raposa, colhido dos campos das montanhas,  
Para vegetais temos pickles amarelos desbotados:  
Se você os quer comer ou não é assunto seu.  
Se você escolher não os comer, está livre para ir para o leste ou oeste.*

Os antigos mestres viviam assim, sobre os arrozais ou nos flancos das montanhas. Como alimento nada mais tinham que *guenmai* ou alguma outra mistura à base de ervas e alguns legumes. Um dia, alguém perguntou a Mestre Dokai: “Se uma pessoa de alta hierarquia, ou um gourmet, lhe visitasse, o que faria?” Mestre Dokai respondeu: “Ele comeria o que houver. Se quiser comer conosco, venha, mas se não quiser comer o que oferecemos, estão livres para ir embora”. Sua prática nada tinha de especial, era uma prática muito simples, mas constante. No que me toca, eu não quero instalar regras radicais, mas estou persuadido que é necessário viver às vezes este tipo de experiência. Quando temos boa saúde, comemos carne ou foie grás, mas quando ficamos doentes – especialmente no caso de câncer – esta alimentação à base de *guenmai*, de legumes ou de algas que utilizamos aqui, é excelente para manter o corpo com boa saúde. Este regime e a meditação são o melhor remédio. Podemos também fazer tai-chi, caminhadas, e se nos adaptamos, é a vida mais feliz que pode existir. Como assinala Mestre Dogen Zenji, esta vida tem a fama, títulos, glória, competição, e no fim das contas, para quê? Nos dias de hoje praticamente todos é sensível a este ponto. É preciso refletir sobre isto. Mesmo em grandes cidades como Paris, os passarinhos cantam.

Em maio e junho, haverão *sesshins* em Eitaiji, mas Eitaiji está aberto fora dos *sesshins*. Agora, é a primavera, é a melhor estação (juntamente com o outono), e a Maisonnette – que tem todo o conforto – pode acolher as senhoras. Quanto a mim, eu me instalarei mais longe na Maison des Lilas. Eu terei que me levantar 15 minutos mais cedo para chegar no *za-zen* na hora certa.

*Pergunta (de Michel Deprèay): Seguindo aquilo que nos disse Tokuda Sensei, que nos exortou a ensinar, eu gostaria de acrescentar que se vocês fizerem os textos chegar a mim, eu os pegarei e transmitirei àqueles que os desejarem, ou melhor, eu poderei os ajuntar ao envio da “La Lettre de Maha-Muni”. Eu gostaria de saber se Mestre Tokuda está de acordo.*

*Resposta de Mestre Tokuda: Completamente de acordo. Por favor, continuem. Que cada um trabalhe sobre aquilo que lhe é particular. Todo mundo pode dizer algo. Robert, é preciso começar algum dia, mesmo se for muito difícil.*

Fim do sesshin.